Urnas e saúde global: o que as eleições de 2026 no Brasil e nos EUA significam para o mundo

Las urnas y la salud global: qué significan para el mundo las elecciones de 2026 en Brasil y en EE. UU.

The Polls and Global Health: What the 2026 Elections in Brazil and the U.S. Mean for the World

Equipe Editorial

Resumo: O presidente do Brasil foi reeleito com 51,79% dos votos, mas enfrentará um Congresso em que o PL tem a maior bancada desde 1988. Nos EUA, os democratas conquistaram a Câmara e o Senado. Nenhuma das eleições reverte a reconfiguração da saúde global iniciada em 2025, mas ambas mudam quem fiscaliza, quem financia e quem defende o multilateralismo.

Mensagens-chave

1. O Congresso americano ampliará a fiscalização dos acordos bilaterais de saúde e do PEPFAR, limitado pelo veto presidencial até 2029.
2. A saída dos EUA da OMS não é revertida pelas urnas.
3. O Brasil reforça o SUS e a produção local de vacinas como vitrine multilateral, sob restrição fiscal e um Congresso mais conservador.
4. Países de baixa e média renda enfrentam menos ajuda, mais cofinanciamento e acordos que exigem dados sem garantir vacinas.

Resumen: *Urnas y salud global: lo que significan las elecciones de 2026 en Brasil y EE. UU. para el mundo. El presidente de Brasil fue reelegido con el 51,79% de los votos, pero enfrentará un Congreso donde el PL tiene la mayor bancada desde 1988. En EE. UU., los demócratas ganaron la Cámara y el Senado. Ninguna de las elecciones revierte la reconfiguración de la salud global iniciada en 2025, pero ambas cambian quién fiscaliza, quién financia y quién defiende el multilateralismo.*

Mensajes clave

1. *El Congreso estadounidense ampliará la supervisión de los acuerdos bilaterales de salud y del PEPFAR, limitado por el veto presidencial hasta 2029.*
2. *La salida de EE. UU. de la OMS no se revierte en las urnas.*
3. *Brasil refuerza el SUS y la producción local de vacunas como vitrina multilateral, con restricciones fiscales y un Congreso más conservador.*
4. *Los países de ingresos bajos y medios enfrentan menos ayuda, más cofinanciamiento y acuerdos que exigen datos sin garantizar vacunas.*

Abstract: *Ballots and global health: what the 2026 elections in Brazil and the US mean for the world. Brazil's president was re-elected with 51.79% of the vote but faces a Congress in which the PL holds its largest bloc since 1988. In the US, Democrats won the House and the Senate. Neither election reverses the reshaping of global health that began in 2025, but both change who oversees, who pays and who champions multilateralism.*

Key messages

1. *The US Congress will step up oversight of bilateral health compacts and PEPFAR, constrained by the presidential veto until 2029.*
2. *US withdrawal from WHO is not undone at the ballot box.*
3. *Brazil showcases the SUS and local vaccine production as a multilateral model, under fiscal limits and a more conservative Congress.*
4. *Low- and middle-income countries face less aid, more co-financing and deals that demand data without guaranteeing vaccines.*

Introdução: duas eleições, um mesmo tabuleiro sanitário

A saúde global raramente aparece nas cabines de votação, mas é decidida nelas. Quem controla orçamentos, ratifica tratados e indica ministros define, a milhares de quilômetros, se uma clínica de HIV em Lusaka continua aberta ou se uma vacina chega a tempo a um surto.

Outubro e novembro de 2026 concentraram duas dessas decisões. O Brasil, dono de um dos maiores sistemas públicos e universais de saúde do mundo e articulador do Sul Global na Organização Mundial da Saúde (OMS), reelegeu seu presidente. Os Estados Unidos, que até 2025 eram o maior financiador da saúde global e hoje estão fora da OMS, entregaram o Congresso à oposição.

A tese deste ensaio é simples: as urnas não desfizeram a nova arquitetura da saúde global, mas redistribuíram o poder de corrigi-la. Nos EUA, o Legislativo ganha instrumentos para fiscalizar e frear; no Brasil, o Executivo ganha mais quatro anos para projetar uma alternativa multilateral, ainda que com margem doméstica estreita.

Os resultados

Brasil. O presidente, candidato do PT à reeleição, venceu o senador candidato do PL no segundo turno de 25 de outubro com 64.256.232 votos, ou 51,79% dos válidos, uma diferença de 3,58 pontos percentuais. Foi a primeira vez desde 1989 que um candidato terminou o primeiro turno em segundo lugar e venceu a disputa final. A posse do quarto mandato será em 5 de janeiro de 2027, com mandato até 2030.

O Legislativo, porém, moveu-se em direção oposta. A partir de 1º de fevereiro de 2027, o PL terá 121 deputados — a maior bancada de um único partido desde a Constituição de 1988 — e 28 dos 81 senadores. A federação PT-PCdoB-PV terá 88 deputados e o bloco União-PP, 87. Nenhum partido terá maioria isolada, e o Centrão segue decisivo.

Estados Unidos. Nas eleições de meio de mandato de 3 de novembro, os democratas viraram sete cadeiras no Senado e chegaram a 54 contra 44 dos republicanos, com Alasca e Mississippi ainda sem definição na data deste texto. Na Câmara, conquistaram a maioria com folga, numa eleição com mais de 124 milhões de votos, recorde para um pleito de meio de mandato. O novo Congresso toma posse em 3 de janeiro de 2027.

País	Executivo a partir de 2027	Legislativo a partir de 2027	Efeito prático
Brasil	Presidente reeleito (PT), 4º mandato	PL com a maior bancada nas duas Casas; Centrão decisivo	Governo com agenda multilateral e Congresso mais conservador
EUA	Presidente republicano, até jan. 2029	Democratas controlam Câmara e Senado	Governo dividido: fiscalização e orçamento contra veto

Os dois países entram em 2027, portanto, com governos divididos — mas invertidos. No Brasil, um Executivo progressista negocia com um Congresso de centro-direita; nos EUA, um Executivo conservador enfrenta um Congresso de oposição.

Estados Unidos: freios, não marcha a ré

O Congresso democrata ganha poder para fiscalizar a política de saúde global da Casa Branca, mas não para revertê-la. Com o veto presidencial em vigor até janeiro de 2029 e sem maioria à prova de obstrução no Senado, especialistas do *Council on Foreign Relations* esperam mudanças graduais, não transformadoras.

O que mudou desde 2025

O ponto de partida é uma arquitetura já reformada. Os EUA concluíram sua saída da OMS em 22 de janeiro de 2026, alegando falhas da organização na pandemia de covid-19; a OMS respondeu que a decisão torna os EUA e o mundo menos seguros. A USAID foi desmontada, e a ajuda em saúde passou ao Departamento de Estado sob a Estratégia de Saúde Global America First.

A estratégia opera por memorandos bilaterais de cinco anos. Segundo reportagem da NPR, foram assinados 36 acordos, somando cerca de US$ 16 bilhões — uma queda de 34% na ajuda americana à saúde global, pelo cálculo da KFF. No acordo com a Zâmbia, de 8 de outubro de 2026, os EUA aportam US$ 1,5 bilhão e o país se compromete a ampliar seu gasto doméstico em US$ 975 milhões.

Os defensores do modelo argumentam que ele corrige vícios antigos: dependência de ONGs internacionais, sistemas paralelos aos governos locais e pouca responsabilização por resultados. Os críticos apontam opacidade — os textos não foram publicados —, cláusulas de compartilhamento de dados e amostras de patógenos e o caráter transacional de alguns acordos. No Quênia, primeiro país signatário, a Justiça chegou a suspender a implementação por preocupações com proteção de dados. O Center for Global Development observa que, em todos os casos, os acordos representam redução do gasto americano por país.

PEPFAR e Fundo Global

O Congresso, mesmo sob controle republicano, já vinha resistindo aos cortes mais profundos. Para o ano fiscal de 2026, aprovou US$ 4,8 bilhões para o PEPFAR e US$ 1,25 bilhão para o Fundo Global, segundo a KFF. Ainda assim, a interrupção de pagamentos em 2025 deixou marcas: um levantamento com organizações financiadas pelo programa em 46 países identificou mais de 1.700 serviços de HIV fechados.

Com maioria nas duas Casas, os democratas devem exigir os textos dos memorandos, planos de implementação e indicadores de impacto. Ativistas da organização Health GAP defendem condicionar novos repasses a essa transparência. A restauração parcial de funções da antiga USAID é possível; sua recriação integral, improvável no curto prazo.

Vacinas e pesquisa

A frente doméstica também tem alcance global. O secretário de Saúde e Serviços Humanos dos EUA reduziu em cerca de um terço o calendário de vacinas infantis recomendadas pelo governo federal, e os democratas já preparavam investigações sobre essas mudanças. Apoiadores da medida sustentam que a revisão aumenta a confiança nas recomendações e não retira o acesso nem a cobertura de seguro.

O orçamento dos NIH, do CDC e da BARDA financia boa parte da pesquisa mundial sobre malária, tuberculose, HIV e vacinas. Uma pesquisa de 2026 citada pelo CFR indicou que 75% dos cientistas baseados nos EUA consideravam deixar o país. Recompor esses orçamentos é prioridade declarada da nova maioria — e, talvez, o efeito global mais concreto das urnas americanas.

Brasil: projeto multilateral, margem doméstica estreita

A reeleição garante continuidade à diplomacia brasileira da saúde, que nos últimos anos ocupou parte do espaço deixado pelos EUA. Em junho de 2026, o presidente brasileiro e o diretor-geral da OMS enviaram carta aos líderes do G7 pedindo a conclusão do anexo PABS, que regula o acesso a patógenos e a repartição de benefícios como vacinas. Sem esse anexo, o Acordo de Pandemias aprovado em maio de 2025 não pode entrar plenamente em vigor.

O SUS como vitrine e como plataforma

O governo transformou o SUS em instrumento de política externa. Em julho de 2026, o diretor-geral da OMS visitou o Rio ao lado do presidente e do ministro da Saúde e chamou o sistema brasileiro de exemplo mundial. O Brasil também lidera a Coalizão Global para Produção Local e Regional, Inovação e Acesso Equitativo, criada na Assembleia Mundial da Saúde, e tem buscado parceiros como a Índia para fabricar vacinas e medicamentos.

A agenda doméstica sustenta essa projeção. A campanha prometeu iniciar diagnóstico e tratamento de câncer no SUS em até 30 dias, digitalizar a rede e elevar de 40% para 70% a participação da produção nacional no abastecimento do sistema. O ministro da Saúde tem repetido que a crise climática já é uma crise de saúde pública, tema que o Brasil leva aos fóruns multilaterais.

Os limites: orçamento e Congresso

Dois obstáculos podem reduzir o alcance desse projeto. O primeiro é fiscal: analistas do campo sanitarista alertam que o arcabouço fiscal, embora menos rígido que o antigo teto de gastos, pode pressionar o piso constitucional da saúde a partir de 2027. O segundo é político: um Congresso com o PL reforçado e emendas parlamentares volumosas tende a disputar a direção do orçamento da saúde.

Vale registrar que a oposição não defendeu o fim do SUS. O plano do candidato do PL propunha ampliar a Estratégia Saúde da Família, digitalizar o sistema, reduzir filas e corrigir a tabela de procedimentos, com maior integração com a rede privada. Peças que lhe atribuíam a

promessa de privatizar o SUS foram desmentidas por checadores. A divergência real está no peso do setor privado e no alinhamento internacional — e esse debate continuará no Congresso.

A 18ª Conferência Nacional de Saúde, prevista para julho de 2027, será o primeiro grande teste da relação entre o novo governo, os movimentos sanitários e o Legislativo.

O que muda para a saúde global

Lidas juntas, as duas eleições apontam para um sistema mais fragmentado, com dois modelos em competição e um Congresso americano como árbitro parcial.

1. **Dois modelos de cooperação.** De um lado, o bilateralismo americano: acordos país a país, cofinanciamento obrigatório e metas de desempenho. De outro, o multilateralismo defendido pelo Brasil: OMS no centro, tratados vinculantes e produção regional de insumos. Os dois convergem num ponto — ambos falam em "soberania" e "apropriação nacional" —, mas divergem sobre quem define as regras.
2. **O financiamento não volta ao patamar anterior.** Mesmo um Congresso democrata dificilmente restaurará os níveis de 2024. Para os países de baixa e média renda, isso significa assumir uma fatia crescente dos custos de HIV, tuberculose e malária. O espaço fiscal desses países, muitos endividados, é o verdadeiro limite da transição.
3. **Vigilância e pandemias.** Fora da OMS, os EUA dependem de acordos bilaterais para obter dados e amostras. O anexo PABS, defendido pelo Brasil, propõe o contrário: compartilhamento multilateral em troca de acesso garantido a vacinas. Um surto como o de Ebola na República Democrática do Congo, que o Congresso americano deve examinar, testará os dois sistemas em tempo real.
4. **Ciência como bem global.** A recomposição dos orçamentos de pesquisa nos EUA e a política industrial brasileira na saúde podem ser complementares. A pergunta é se a cooperação científica Norte-Sul sobreviverá à tensão diplomática entre Washington e Brasília.
5. **A janela de 2029.** Para muitos analistas, o efeito mais duradouro das eleições americanas é preparar o terreno para o próximo governo. Os próximos dois anos de fiscalização vão gerar os dados — e os precedentes — sobre os quais uma eventual reconstrução será negociada.

Três sinais da semana pós-eleição

Três fontes publicadas no início de novembro de 2026 ajudam a dimensionar o que está em jogo para o novo Congresso americano e para os parceiros do Brasil.

Pandemias: acordos bilaterais contra um sistema global

Em 6 de novembro, o New York Times relatou que especialistas em saúde pública veem nos acordos bilaterais americanos com países africanos um risco à prevenção de pandemias — inclusive para os próprios americanos. O Departamento de Estado pretende chegar a cerca de 70 países e argumenta que parcerias diretas entregam resultados mais rápidos e com mais responsabilização do que acordos multilaterais.

O ponto sensível são os dados e as amostras. Segundo a Associated Press, os acordos já publicados obrigam os países a enviar dados e espécimes em até cinco dias após um pedido, mas não garantem acesso aos tratamentos resultantes: eles ficariam sujeitos à disponibilidade de recursos e à necessidade doméstica dos EUA. O Zimbábue rejeitou um acordo em fevereiro

em parte por essas cláusulas. O diretor-geral do Africa CDC avalia que a via bilateral enfraquece o esforço de coordenação continental.

Enquanto isso, em Genebra, uma coalizão de países africanos negocia o anexo PABS exigindo acesso rápido e acessível a vacinas e tratamentos em troca do compartilhamento de informações — a mesma posição defendida pelo Brasil. É aqui que as duas eleições se cruzam: o Congresso democrata pode exigir os textos e os termos de dados dos acordos; o Brasil pode ajudar a dar ao modelo multilateral peso político suficiente para competir.

Pessoas em situação de rua: saúde começa fora do hospital

Uma estimativa preliminar da National Alliance to End Homelessness com a Universidade do Sul da Califórnia, noticiada pelo New York Times em 6 de novembro, indica que a população em situação de rua nos EUA caiu cerca de 6,7% em janeiro de 2026, para aproximadamente 693 mil pessoas. Seria a maior queda anual desde 2007. A falta de moradia crônica, porém, ficou praticamente estável.

O estudo atribui a queda a aluguéis em desaceleração, à recuperação econômica e à expansão de vagas de moradia permanente, e cita o acesso ao seguro saúde, incluindo o Medicaid, como peça crítica. O governo federal defende outra abordagem: o Departamento de Habitação critica o modelo Housing First e quer priorizar tratamento de dependência e metas de autossuficiência. Os dados oficiais de 2026 ainda não foram divulgados.

O tema parece doméstico, mas ilustra um argumento central deste ensaio: determinantes sociais — moradia, renda, seguro — pesam tanto quanto hospitais. É a mesma lógica que o SUS e a agenda brasileira de equidade levam aos fóruns internacionais, e será terreno de disputa orçamentária no novo Congresso.

O custo de não investir: a conta da McKinsey

A série de gráficos de saúde da McKinsey oferece a escala do problema. O McKinsey Health Institute projeta que, mantida a trajetória atual, a carga global de doenças sobe de cerca de 2,7 bilhões para 3,1 bilhões de anos de vida ajustados por incapacidade (DALYs) até 2050. Ampliar cerca de 300 intervenções já comprovadas poderia reduzir essa carga em até 35%, evitando 33 milhões de mortes prematuras.

As maiores margens de ganho estão em doenças respiratórias crônicas (57% evitáveis) e em condições maternas e neonatais (51%) — justamente áreas sensíveis a cortes de ajuda externa. Para os EUA, a McKinsey também aponta pressão financeira sobre o setor de saúde, com a perda de cobertura após o fim dos subsídios ampliados do Affordable Care Act (ACA) em 2026. A lição para os dois países é a mesma: o retorno de investir em saúde é alto, mas depende de decisões orçamentárias que agora passam por Congressos divididos.

Conclusão

As eleições de 2026 não devolvem a saúde global ao mundo de antes de 2025. Elas criam contrapesos. Em Washington, um Congresso de oposição pode exigir transparência, proteger o PEPFAR e recompor a pesquisa, mas não reconduz os EUA à OMS. Em Brasília, um presidente reeleito mantém a bandeira do multilateralismo, mas precisa negociar cada real com um Congresso mais conservador.

Para quem vive nos países mais dependentes de ajuda, a pergunta prática é menos ideológica: os remédios, os profissionais e os sistemas de alerta continuarão funcionando durante a transição? A resposta dependerá de orçamentos aprovados nos próximos meses — e da capacidade de Brasil, EUA e seus parceiros de tratar a saúde como interesse comum, mesmo quando discordam sobre quase todo o resto.

Nota: os resultados das disputas ao Senado no Alasca e no Mississippi ainda não haviam sido definidos na data deste texto. Este ensaio apresenta posições de defensores e críticos das políticas citadas e não representa recomendação política.

Referências

Agência Gov. "No G7, Brasil lidera mobilização global para definir preparação para futuras pandemias." 15 de junho de 2026. https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202606/na-reuniao-do-g7-brasil-lidera-mobilizacao-global-para-definir-preparacao-para-futuras-pandemias-1.

Agência Senado. "Lula é reeleito para quarto mandato de presidente." 25 de outubro de 2026. https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2026/10/25/lula-2018vira2019-e-e-reeleito-para-quarto-mandato-de-presidente.

Aos Fatos. "É falso que Flávio Bolsonaro disse que irá privatizar o SUS se for eleito presidente." 13 de abril de 2026, atualizado em 7 de outubro de 2026. https://www.aosfatos.org/noticias/falso-flavio-bolsonaro-disse-privatizar-sus-se-eleito-presidente/.

Associated Press. "What Races the AP Has Not Yet Called in Contests for Senate and Governor." *WPXI*, 5 de novembro de 2026. https://www.wpxi.com/news/politics/what-races-ap-has/3HFFWPIKQQ5ULBFDYZCEAXL3Q4/.

Associated Press. "Zambia Will Sign $3.6 Billion Health Plan with US That Won't Require Sharing of Patient Data." *WSOC-TV*, 6 de outubro de 2026. https://www.wsoctv.com/news/health/zambia-will-sign-36/DRZGRSPZUQZUXAPBJXIGQMF4HU/.

Axios. "Axios Future of Health Care." Newsletter. Acesso em 9 de novembro de 2026. https://www.axios.com/newsletters/axios-future-of-health-care-14b2e110-ec0e-11f0-993f-e158c6c2a41a.

Axios. "Dems Plot Health Oversight Blitz If They Win Midterms." 25 de fevereiro de 2026. https://www.axios.com/2026/02/25/democrats-health-medicaid-trump-midterms?stream=top.

Brasil 61. "Mesmo com bancada recorde, PL terá que negociar com partidos para fazer reformas constitucionais." Outubro de 2026. Acesso em 9 de novembro de 2026. https://brasil61.com/n/mesmo-com-bancada-recorde-pl-tera-que-negociar-com-partidos-para-fazer-reformas-constitucionais-bras2617278.

Brasil de Fato. "Na OMS, ministro Padilha defende resposta global à crise climática e redução das desigualdades em saúde." 21 de maio de 2026. https://www.brasildefato.com.br/2026/05/21/na-oms-ministro-padilha-defende-resposta-global-a-crise-climatica-e-reducao-das-desigualdades-em-saude/.

Center for Global Development. "What We Know—and Don't Know—About the Trump Administration's Global Health Agreements." Blog, 18 de dezembro de 2025. https://www.cgdev.org/node/3135613.

Chatham House. "The Good, the Bad, and the Possible: What the America First Global Health Strategy Means for Africa – and the World." Comentário de especialista, novembro de 2025. https://www.chathamhouse.org/2025/11/good-bad-and-possible-what-america-first-global-health-strategy-means-africa-and-world.

Diario de Pernambuco. "Brasil quer parceria com Índia para produção de remédios e vacinas." 18 de fevereiro de 2026. https://www.diariodepernambuco.com.br/politica/2026/02/11707952-brasil-quer-parceria-com-india-para-producao-de-remedios-e-vacinas.html.

Dubawa. “Five Reasons Why Africa Is Central to US ‘America First’ Global Health Strategy.” Acesso em 9 de novembro de 2026. https://dubawa.org/five-reasons-why-africa-is-central-to-us-america-first-global-health-strategy/.

Folha do Leste. “Eleições 2026: Lula é reeleito presidente do Brasil com 64,2 milhões de votos.” Outubro de 2026. Acesso em 9 de novembro de 2026. https://folhadoleste.com.br/?p=193113.

Gray DC. “Midterm Election Results: Three Things to Know.” *Live 5 News*, 4 de novembro de 2026. https://www.live5news.com/2026/11/04/midterm-election-results-three-things-know/?outputType=amp.

Health Policy Watch. “African Countries Affirm Support for Multilateral Pandemic Agreement While Under Pressure to Make Bilateral Deals with US.” 11 de novembro de 2025. https://healthpolicy-watch.news/african-countries-affirm-support-for-multilateral-pandemic-agreement-while-under-pressure-to-make-bilateral-deals-with-us/.

KFF. “The Trump Administration’s Foreign Aid Review: Status of PEPFAR.” Ficha informativa. Acesso em 9 de novembro de 2026. https://www.kff.org/global-health-policy/fact-sheet/the-trump-administrations-foreign-aid-review-status-of-pepfar/.

KFF. “The U.S. Government and the World Health Organization.” Ficha informativa, atualizada em 17 de março de 2026. https://www.kff.org/coronavirus-covid-19/fact-sheet/the-u-s-government-and-the-world-health-organization/.

McKinsey & Company. “Chart of the Week: Healthcare.” Acesso em 9 de novembro de 2026. https://www.mckinsey.com/featured-insights/charts#/tag/healthcare.

McKinsey & Company. “How Scaling Care Can Reduce Disease Burden.” 23 de abril de 2026. https://www.mckinsey.com/featured-insights/charts/how-scaling-care-can-reduce-disease-burden.

McKinsey & Company. “Shaping a Healthier World.” 22 de abril de 2026. https://www.mckinsey.com/featured-insights/charts/shaping-a-healthier-world.

McKinsey & Company. “What to Expect in US Healthcare in 2026 and Beyond.” Acesso em 9 de novembro de 2026. https://www.mckinsey.com/industries/lms-for-healthcare/our-insights/what-to-expect-in-us-healthcare.

National Alliance to End Homelessness. “2026 National Homelessness Estimate.” 6 de novembro de 2026. https://endhomelessness.org/wp-content/uploads/2026/11/PIT-Analysis-Alliance_V3.pdf.

National Desk, The. “Homelessness Dropped Last Year, but HUD Chief Blames ‘Housing First’ for Long-Term Rise.” *ABC News 4*, 2026. Acesso em 9 de novembro de 2026. https://abcnews4.com/news/nation-world/homelessness-dropped-last-year-but-hud-chief-blames-housing-first-for-long-term-rise-housing-and-urban-development-2026-homeless-report-2025-point-in-time-homeless-count-drug-treatment-addiction-and-homelessness.

NBC 7 San Diego. “Election Day After 2026 Midterms: Congress Results, Live Updates.” 4 de novembro de 2026. https://www.nbcsandiego.com/elections/election-day-after-2026-midterms-congress-results-live-updates/4096585/.

New York Times, The. “U.S. Global Health Strategy Jeopardizes Prevention of Pandemics, Experts Warn.” 6 de novembro de 2026. https://www.nytimes.com/2026/11/06/us/politics/pandemic-prevention-african-countries.html.

New York Times, The. “U.S. Homeless Population Had Record Drop in 2025.” 6 de novembro de 2026. https://www.nytimes.com/2026/11/06/us/politics/homeless-population-drop.html.

NPR. “Trump’s Global Health Strategy Is Emerging. What Will the Democratic Congress Say?” *New Hampshire Public Radio*, 6 de novembro de 2026. https://www.nhpr.org/2026-11-06/trumps-global-health-strategy-is-emerging-what-will-the-democratic-congress-say.

O Povo. “Diretor da OMS diz que Brasil é exemplo mundial por sistema de saúde.” 28 de julho de 2026. https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2026/07/28/amp/diretor-da-oms-diz-que-brasil-e-exemplo-mundial-por-sistema-de-saude.html.

Outra Saúde. "'Ajuste fiscal'? Eis a agenda alternativa da Saúde." *Outras Palavras*, 6 de novembro de 2026. https://outraspalavras.net/outrasaude/ajuste-fiscal-eis-a-agenda-alternativa-da-saude/.

Outra Saúde. "Eleições: Outra Saúde analisa o SUS nos programas dos candidatos." *Outras Palavras*, 2026. Acesso em 9 de novembro de 2026. https://outraspalavras.net/outrasaude/eleicoes-outra-saude-analisa-o-sus-nos-programas-dos-candidatos/.

Outra Saúde. "OMS aprova aumento nas contribuições fixas dos países membros." *Outras Palavras*. Acesso em 9 de novembro de 2026. https://outraspalavras.net/outrasaude/oms-aprova-aumento-nas-contribuicoes-fixas-dos-paises-membros/.

Paraíba Business. "Congresso eleito em 2026 encolhe o Centrão e muda o jogo da governabilidade." 12 de outubro de 2026. https://paraibabusiness.com.br/congresso-eleito-em-2026-encolhe-o-centrao-e-muda-o-jogo-da-governabilidade/.

Poder360. "Campanha de Lula quer tornar SUS 'inteligente e conectado'." 2026. Acesso em 9 de novembro de 2026. https://www.poder360.com.br/poder-eleicoes-2026/campanha-de-lula-quer-tornar-sus-inteligente-e-conectado/.

Sanarmed. "Vitória de Lula em 2026: quais são as propostas para a saúde e os médicos?" 2026. Acesso em 9 de novembro de 2026. https://sanarmed.com/vitoria-de-lula-em-2026-quais-sao-as-propostas-para-a-saude-e-os-medicos/.

SBT News. "Saúde e combate à pobreza: as propostas de Flávio na íntegra." 2026. Acesso em 9 de novembro de 2026. https://sbtnews.sbt.com.br/noticia/eleicoes/saude-e-combate-a-pobreza-as-propostas-de-flavio-na-integra.

Think Global Health. "Expert Takes on the Future of Global Health After the U.S. Midterm Election." Council on Foreign Relations, novembro de 2026. Acesso em 9 de novembro de 2026. https://www.thinkglobalhealth.org/article/expert-takes-on-the-future-of-global-health-after-the-u-s-midterm-election.

Times Brasil. "DECISÃO 2026: em eleição conturbada e com Brasil dividido, Lula é reeleito para quarto mandato." 25 de outubro de 2026. https://timesbrasil.com.br/brasil/decisao-2026-em-eleicao-conturbada-e-com-brasil-dividido-lula-e-reeleito-para-quarto-mandato/.

U.S. Department of Health and Human Services. "United States Completes WHO Withdrawal." Comunicado à imprensa, 22 de janeiro de 2026. https://www.hhs.gov/press-room/united-states-completes-who-withdrawal.html.

World Finance. "America First, Global Health Last?" Acesso em 9 de novembro de 2026. https://www.worldfinance.com/strategy/america-first-global-health-last.

World Health Organization. "WHO Statement on Notification of Withdrawal of the United States." 24 de janeiro de 2026. https://www.who.int/news/item/24-01-2026-who-statement-on-notification-of-withdrawal-of-the-united-states.

Formato: Chicago (notas e bibliografia), entradas por instituição ou veículo. Títulos mantidos como publicados.